

O PROCESSO DE USO, PRODUÇÃO E APROPRIAÇÃO DAS IMAGENS DE ARQUIVOS AUDIOVISUAIS JORNALÍSTICOS EM DISPOSITIVOS MÓVEIS

THE PROCESS OF USING, PRODUCING AND APPROPRIATING IMAGENS FROM JOURNALISTIC AUDIOVISUAL ARCHIVES ON MOBILE DEVICES

Dr. Paulo Eduardo Silva Lins Cajazeira

paulo.cajazeira@ufca.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/1769678534430582>

<https://orcid.org/0000-0001-8060-9358>

Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná. Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

Me. José Jullian Gomes de Souza

jullianjose64@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9878648271072225>

<https://orcid.org/0000-0002-4007-8545>

Mestre em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade de Juazeiro do Norte (Unijuazeiro). Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Paulo Henrique Rodrigues de Souza

paulo.souza@fapce.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/5622139923505093>

<https://orcid.org/0000-0002-4127-8514>

Especialista em História do Brasil pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e em Direito pela URCA. Professor do curso de Marketing do Centro Universitário Paraíso (UniFAP).

Submetido: 02 nov. 2020

Publicado: 15 jun. 2021

RESUMO

O presente estudo consiste em investigar acerca do uso de imagens de arquivo, por meio de dispositivos móveis, pelo telejornalismo local, durante o primeiro trimestre da cobertura jornalística da pandemia da Covid-19 no Brasil. Como objeto de análise, escolheu-se o telejornal CE 1 da TV Verdes Mares, afiliada à Rede Globo de Televisão no Ceará. O estado cearense registrou, logo ao início da disseminação da doença no Brasil, um dos principais focos de entrada do novo coronavírus. Uma das hipóteses pode ser o alto fluxo de passageiros vindos de voos internacionais da Europa com destino à Fortaleza. Este artigo busca refletir sobre a reconfiguração do jornalismo televisivo, a partir dos modos de funcionamento e formatos narrativos, com base em estudos dos autores Cajazeira (2014), Canavilhas (2017) e Martins (2017) quanto ao uso de novas ferramentas técnicas de registro do real (celulares, *smartphones* e *tablets*), para a aquisição coletiva de competências na produção de conteúdo, e na crescente interferência de mensagens na produção das reportagens audiovisuais.

PALAVRAS-CHAVE: imagens de arquivo; dispositivo móvel; telejornalismo.

ABSTRACT

The present study consists of investigating the use of archival images, through mobile devices, by local television news, during the first quarter of the Covid-19 pandemic's coverage in Brazil. As the object of analysis, the TV news program CE 1 of Verdes Mares Television, affiliated with Rede Globo TV in Ceara, was chosen. The State of Ceara registered, in the beginning of the spread of the disease in Brazil, one of the main sources of entry of the new coronavirus. One of the hypotheses may be the high flow of passengers coming from international flights from Europe to Fortaleza. Reflect on the reconfiguration of the television journalism, based on the modes of operation and narrative formats, based on studies by the authors: Cajazeira (2014); Canavilhas (2017) and Martins (2017) regarding the use of new technical tools for recording the real (cell phones, smartphones and tablets), for the collective acquisition of skills in the production of content and the increasing interference of these messages in the production of audiovisual reports.

KEYWORDS : archive images; mobile device ; telejournalism.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo neste estudo é avaliar o conteúdo colaborativo como lugares de memória que auxiliam no processo de edição das informações no telejornalismo local. O problema de pesquisa que nos inquieta consiste em compreender o uso de imagens apreendidas por dispositivos móveis de duas formas: 1) espontâneas (gravadas pelo público/audiência e enviadas às redações de TV) e 2) solicitadas (gravadas a pedido das equipes de jornalismo). Ou seja, tem-se, diante da pandemia, duas situações distintas no processo de apreensão e envio de conteúdo colaborativo: i) o engajamento voluntário ou espontâneo; e ii) o engajamento solicitado. Essas situações de participação com o envio de imagens por aplicativos de mensagens já existiam antes da crise sanitária. Contudo, o que nos chama à atenção é a necessidade continuada do arquivo audiovisual colaborativo na estrutura das reportagens da cobertura da Covid-19.

O período de análise deste estudo compreende os meses de março, abril e maio de 2020: o primeiro trimestre de cobertura jornalística da pandemia da Covid-19 no Ceará. Por tratar-se de um acompanhamento de desdobramentos evolutivos ascendentes e de uma crise sanitária de escalas globais, este artigo avalia os recursos utilizados pelas equipes de jornalismo para terem acesso às imagens em zonas interdadas ao jornalismo, tais como: interior de hospitais e unidades de terapia intensiva; além do testemunho de profissionais de saúde, autoridades, pacientes e familiares das vítimas – todos gravados com o uso de dispositivos móveis por colaboradores.

Esse conjunto de fragmentos do real, representado pelas imagens colaborativas gravadas, é bastante variado: desde as sonoras (no jargão jornalístico, a fala gravada do entrevistado), passando pelas imagens de apoio (no jargão, imagens do entrevistado que antecedem as sonoras, e em que o entrevistado é apresentado numa fala em *off*¹), e ainda as imagens comuns, mostrando locais onde o fato ocorre. Elas complementam a estrutura das reportagens e dão cadência à dinâmica da narrativa, ao evidenciar os fatos do presente na cobertura dos *offs*.

Com a finalidade de respeitar os protocolos sanitários da Organização Mundial de Saúde (OMS), Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e Federação

¹ *Off* é uma “notícia coberta com imagens e sem a presença, no vídeo, do repórter” (VEIGA, 2002, p. 125).

Internacional de Jornalistas (FIJ), ocorre um aumento na produção e uso de imagens colaborativas nos telejornais. Para que as equipes de jornalismo, que cobrem a atual pandemia, possam evitar se infectarem e, ao mesmo tempo, tornarem-se vetores de infecção, as emissoras de TV passaram a optar por transmissões ao vivo com a participação dos entrevistados direto de suas casas, e tão somente com imagens de locais de acesso limitado a jornalistas.

A FENAJ orientou aos jornalistas e às suas equipes de apoio evitarem locais considerados de risco: (a) qualquer tipo de estabelecimento de saúde; (b) lar para idosos; (c) casa de uma pessoa doente, de alguém com problemas de saúde ou de mulher que possa estar grávida; (d) necrotério, crematório ou serviço funerário; (e) zona de quarentena, isolamento ou bloqueio; (f) habitação urbana densamente lotada (as favelas, por exemplo). A partir disso, desenvolvemos o questionamento que nos impulsiona nesta pesquisa: em que medida a utilização de imagens de arquivo colaborativas contribuem na produção de reportagens durante a cobertura jornalística da Covid-19? Acreditamos, por hipótese, que o distanciamento social e os cuidados de prevenção ao contágio do novo coronavírus impactam na produção jornalística da televisão.

2 METODOLOGIA

Enquanto procedimento metodológico partimos para o uso da abordagem qualitativa, mediante ao uso da pesquisa bibliográfica, identificando como a temática vem sendo discutida pelos pesquisadores, e descritiva, visando um detalhamento dos fatos e ocorrências verificadas no processo de análise. Para Richardson (2011), a pesquisa de natureza descritiva tem como seu objetivo a descrição sistemática de determinado fenômeno ou área do saber, a qual se deseja investigar, de modo objetivo e detalhado.

A realização da coleta de dados sobre os usos das imagens de arquivo pessoais ocorreu por meio do acompanhamento das edições do telejornal CE1, da TV Verdes Mares, no período que se estende entre os meses de março e maio de 2020. A escolha em investigar as edições do CE1 da TV Verdes Mares deu-se no sentido de compreender as alterações do uso, produção e apropriação das imagens de arquivo no cotidiano da redação de um telejornal, especificamente no estado no Ceará. Uma realidade que pode ser visualizada não somente no âmbito local, mas em telejornais nacionais que se configuram como ambientes de informação.

Assim, foram feitas entrevistas semiestruturadas com os profissionais de telejornalismo no período, cujas identidades foram mantidas em sigilo para resguardar a segurança dos entrevistados. A partir das entrevistas foi possível refletir e compreender como as rotinas jornalísticas foram alteradas, com o uso dos arquivos de imagem pessoal para a composição das notícias e reportagens do telejornal.

Com isso, o registro da fala desses profissionais também se configura como um testemunho que discorre sobre uma determinada época de grandes transformações e reinvenções para a área do jornalismo e para a sociedade de forma geral. Assim, destacamos alguns trechos que explicitam a visualização do uso, produção e apropriação da informação audiovisual, através das imagens, no cotidiano da produção do telejornal CE1.

Nesse sentido, foi possível observar as transformações empreendidas por este estudo, tendo como corpus o telejornal CE 1 da TV Verdes Mares, afiliada à Rede Globo de Televisão no Ceará, no período entre os meses de março a maio de 2020,

àquela que é destinada a agradar seu espectador, a oferecer-lhe sensações específicas (negrito da autora).

As imagens e os testemunhos desses documentos audiovisuais complementam as reportagens no período da pandemia – de modo epistêmico com informações relevantes sobre a realidade –, que podem apenas ser contadas pela intervenção do colaborador no processo de produção. O modo estético oferece sensações de identificação do espectador com a representação do real, por poder ver a situação nos hospitais, o testemunho de profissionais de saúde, as pessoas curadas da doença, os parentes das vítimas, ou seja, por assim ter o olhar de quem está vivenciando de perto essa situação.

3.1 OS DOCUMENTOS AUDIOVISUAIS PESSOAIS

Os documentos audiovisuais são caracterizados por gravações realizadas em formato de áudio e vídeo, e possuem um conteúdo com informações multimidiáticas em formato de texto, imagem e som. No telejornalismo, são denominados “arquivos de celular”. No entanto, numa discussão conceitual, Edmondson (2017) identifica-os como uma instituição ou departamento que armazena os objetos informacionais (os documentos). Neste estudo utilizamos o conceito e a denominação “documentos audiovisuais”, para uma melhor compreensão na cobertura jornalística da TV a pandemia da Covid-19.

A presença desses documentos não é inédita. Oriunda do atual momento da cobertura jornalística na TV, observa-se, contudo, uma maior constância e usabilidade num grau mais elevado na atual cobertura, devido à necessidade do distanciamento social. Dessa forma, os documentos audiovisuais de cunho pessoal se apresentam enquanto lugares de memória (NORA, 1993), ou seja, como testemunhos que legitimam o texto jornalístico: a televisão e o telejornalismo não apenas os representa nas versões produzidas pela imprensa, como também os considera como esse lugar de memória (MUSSE; THOMÉ, 2016).

Assim, a produção desses documentos audiovisuais pessoais é utilizada no telejornalismo como parte da construção narrativa e discursiva, não somente a partir do envio espontâneo pelo telespectador, mas, agora, pela solicitação da equipe de reportagem do telejornal para compor a narrativa dos fatos e acontecimentos. Na cobertura jornalística da Covid-19, as entrevistas com as autoridades públicas, profissionais da saúde e pessoas que foram infectadas pelo novo coronavírus, por exemplo, ocorrem via dispositivo móvel. Isso ressignifica o processo de uso dessas imagens pelo telejornalismo no tempo presente, e a construção da memória social, instigando o pesquisador a refletir e identificar as suas marcas no tempo atual, como um registro histórico das mudanças enfrentadas pela produção jornalística no século XXI.

Do local ao nacional, essas imagens pessoais estão presentes na produção do telejornalismo atual. Elas se misturam com as imagens “profissionais” em alta definição produzidas com equipamentos modernos e, portanto, tornam-se uma experiência para o jornalismo colaborativo. Como destaca Cajazeira (2011), essa colaboração por parte do telespectador pode ocorrer a partir de sugestões de reportagem e no envio de gravações em vídeo (inicialmente gravados em filmadoras e atualmente de smartphones). Contudo, no cenário inaugurado pela pandemia em 2020, há uma mudança dessa espontaneidade para uma necessidade de transmissão da informação no telejornalismo.

feitas através de celular. Imagina fechar um jornal numa época do pico da doença, que, em *lockdown* na cidade, não dá para sair de casa, ninguém pode sair, ninguém vai expor a equipe, a nossa equipe de reportagem em ter um contágio da doença. É o que se fez: a gente pedia a um profissional de saúde, a um especialista, para mandar um vídeo explicando tal situação, dando orientação, dando o serviço, tudo pela internet, pelo celular. Algumas reportagens foram fechadas, todas da redação, com a colaboração das pessoas que enviavam essas imagens (Jornalista A, 2020, informação verbal).

De acordo com o jornalista B, o telefone se tornou um grande aliado do jornalismo profissional, mais forte ainda a partir das últimas eleições de 2018, quando a TV Globo lançou a campanha “O Brasil que eu quero”. A partir daí, segundo o entrevistado, o telefone passou a ser muito utilizado. E nunca se viu tantas imagens de telefone sendo exibidas pelos telejornais:

Então, a partir desse momento, o jornalismo passou a enxergar as imagens de celulares com outros olhos e passou a ver que ele poderia facilitar muito o trabalho de uma equipe em relação a deslocamento, quando não se tem condição de ir até o local, ou quando o entrevistado não tem condições de comparecer à entrevista. E nessa pandemia, aumentou consideravelmente o uso de imagens de celular no telejornalismo, principalmente no local. Porque a gente tem muitas fontes, a gente grava muita matéria, a gente faz reportagens que precisam de entrevistados. E, às vezes, são entrevistados que pertencem ao grupo de risco, mas que são importantes para trazer, agregar um conteúdo maior. A gente solicita através de um vídeo gravado por telefone. Às vezes, a equipe está com o horário reduzido, não consegue ir ao local: ou o local é dentro de um hospital, uma área de risco. A gente não consegue acesso, mas tem um médico que está lá dentro atendendo àquele paciente e pode fazer essas imagens com o telefone. E isso a gente utiliza nas matérias. Se não fossem essas imagens, se não fossem esses vídeos gravados, encaminhados pelas próprias fontes, a gente estaria impossibilitado de fazer muitas coberturas, principalmente no início da pandemia. Agora não, agora está mais tranquilo. Os casos vêm diminuindo. A gente consegue ir até o local, mas, mesmo assim, a gente ainda utiliza bastante o celular (Jornalista B, 2020, informação verbal).

Para o jornalista C, os editores há algum tempo se utilizam de imagens de celular dentro das matérias ou de notas cobertas ao vivo (notas lidas pelos apresentadores com imagens cobrindo a voz, sem que eles apareçam durante todo o tempo de fala). Conforme ele apontou:

De uns anos para cá, principalmente quando a gente incorporou o WhatsApp no jornal, essas imagens deram um novo contorno. A gente pôde não só mostrar a participação dos telespectadores da forma como eles mandam, como também a gente deu mais dinamismo nessa cobertura dos fatos pois a gente conseguiu mostrar as coisas mais rápido. Para você ter uma ideia, eu tenho um programa, lá onde eu fico, que espelha a tela do meu computador. Então, eu abro o meu WhatsApp e as imagens chegam para mim: imediatamente, eu configuro aquele quadradinho que está mostrando a imagem que automaticamente vai para o ar. Então, assim, eu acho que existem

três fases: (i) aquela primeira fase bem embrionária, com o uso do WhatsApp como novidade, incluindo em determinados pontos da reportagem; (ii) existe uma segunda evolução, quando a gente incorpora o ao vivo, a participação “quase que ao vivo” das imagens de celular, seja pela participação das pessoas, seja para mostrar algum fato que esteja acontecendo; (iii) e agora essa evolução, que com a pandemia a gente pôde colocar sonoras via WhatsApp (Jornalista C, 2020, informação verbal).

Sobre as entrevistas ao vivo, o jornalista C continua e afirma que:

Quando a gente faz entrevistas pelo celular, a gente usa um aplicativo chamado *Zoom*. A gente recebe a imagem do entrevistado, que tem que estar com o celular deitado, o rosto dele posicionado no centro do vídeo, num local onde o rosto dele esteja iluminado e, de preferência, em silêncio, por conta do microfone do celular não ser profissional e para não criar eco. Então, antes da entrevista ao vivo do jornal, a gente faz essa conexão com o *Zoom*, o pessoal da engenharia envia para o WhatsApp do entrevistado, o endereço da conversa, o entrevistado clica na conversa e, automaticamente, libera a imagem da câmera dele e do microfone que chega a esse computador destinado exclusivamente para receber o *Zoom*. E aí, a gente faz o teste de som, de vídeo, vê como está a questão da iluminação, do local, enquadramento, e o pessoal da engenharia disponibiliza esse sinal do computador em uma linha de vídeo que vai para a mesa do diretor de imagens, que passa a ter essa imagem do *Zoom* como o sinal recebido de um link, por exemplo. Com esse sinal lá na linha de transmissão, na mesa de corte, ele pode inserir a imagem do entrevistado vinda pelo celular dele no telão, na telinha; pode dividir tela. Estando a imagem do entrevistado vindo pelo *Zoom* lá na mesa do diretor de imagem, o áudio passa a ser escutado pelos apresentadores como se fosse um vivo de um equipamento nosso e também os apresentadores passam a falar com o entrevistado. A conversa deixa de ser do computador com o entrevistado para ser do áudio dos apresentadores com o entrevistado (Jornalista C, 2020, informação verbal).

Mediante aos relatos dos jornalistas, as transformações nas rotinas jornalísticas e, sobretudo do uso das imagens na composição da notícia, já ocorria com a expansão dos dispositivos móveis e as novas tecnologias de captação de imagens. Além disso, a relação entre o espectador (usuário da informação) e o telejornal (produtor de informação) também foi modificada com a introdução das novas tecnologias de informação e comunicação.

O uso das redes sociais para o envio de material, a exemplo do *WhatsApp*, como destacado pelos profissionais, também se configura como um novo modo de uso e apropriação das imagens que são produzidas pelo público e enviadas para o telejornal. As alterações, no caso da pandemia, são identificadas no aumento proporcional e como recurso principal para uma cobertura mais intensa e uma informação mais precisa do cotidiano.

Além do mais, novas telas como plataformas de chamadas de vídeo passaram a ser mais observadas no telejornal. Ou seja, a interação entre os jornalistas e entrevistados passaram a ser mediadas pela introdução intensificada de telas, utilização da internet e recebimento dos arquivos de imagem. O que, por fim, acarretou na necessidade de direcionamentos, quando solicitado, para que o

REFERÊNCIAS

- CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins. **O jornalismo colaborativo no telejornal com as novas mídias digitais**. 2011. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins. **A audiência convergida do telejornal nas Redes Sociais**. Covilhã, Portugal: UBI/ LabCom, Livros LabCom, 2014.
- CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina. **Jornalismo móvel: linguagem, gêneros e modelos de negócio**. Covilhã, Portugal: UBI/ LabCom, Livros LabCom, 2017.
- DANTAS, Ivo Henrique; ROCHA, Heitor Costa Lima da. Dispositivos móveis na construção da notícia: a experiência do portal regional NE10. *In*: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina. (orgs.). **Jornalismo móvel: linguagem, gênero e modelo de negócios**. Covilhã, Portugal: UBI/ LabCom, Livros LabCom, 2017. p. 61-82.
- EMERIM, Cárilda. Aproximações entre a análise diagnóstica por imagens com a análise semiótica em telejornalismo. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. **Anais [...]**, Joinville: Universidade da Região de Joinville, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2153-1.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- EDMONDSON, Ray. **Arquivística audiovisual: filosofia e princípios**. Brasília: UNESCO, 2017.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise de imagem**. Tradução Marina Appenzeller. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2010.
- MARTINS, Maura. **Novos efeitos de real no Jornalismo Televisivo**. Covilhã, Portugal: UBI/ LabCom, Livros LabCom, 2017.
- MUSSE, Christina Ferraz; THOME, Cláudia de Albuquerque. Telejornalismo e poder: memórias (re) construídas pelo Jornal Nacional. *In*: EMERIM, Cárilda; FINGER, Cristiane; PORCELLO, Flávio (org.). **Telejornalismo e poder**. Florianópolis: Insular, 2016. p. 328-340.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 10, jul./dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 9 abr. 2020.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- TEIXEIRA, Juliana Fernandes. **Jornalismo audiovisual com e para dispositivos móveis: um estudo das aplicações no smartphones nos processos e produtos jornalísticos das emissoras de televisão no Piauí**. Covilhã, Portugal: UBI/ LabCom, 2019.

VEIGA, Z. **Telejornalismo e violência social: a construção de uma imagem.** Campinas: Pós-Escrito, 2002.